

RELACIONAMENTOS ABUSIVOS E A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: UM OLHAR PSICOLÓGICO A PARTIR DE RELATOS DA PÁGINA *FOIABUSIVOPQ* DO INSTAGRAM

Giovanna Maria Silva Garcia¹

Fernando Cotta Trópia Dias²

RESUMO

Os relacionamentos abusivos tem se tornado cada dia mais comuns. Muitas vezes, as atitudes são imperceptíveis e romantizadas, muitas mulheres sofrem com essas relações e é a partir dessa perspectiva que a presente pesquisa pretendeu compreender e investigar os fatores pelos quais essas mulheres se mantêm nessa união tóxica e destrutiva. Como principal questão, objetivou-se investigar os impactos psicossociais em mulheres que sofreram ou vivenciaram relacionamentos abusivos, a partir de seus relatos veiculados na página “*foiabusivopq*” do Instagram, além de definir, como quesitos específicos, os tipos de violência em que se envolvem, tais como a violência física e a violência psicológica, principalmente meio à conjuntura da pandemia e do isolamento social, motivo esse de maior reclusão ao ambiente doméstico na atualidade. Esse estudo é de natureza qualitativa e a coleta de dados foi realizada através de metodologia mista, a saber: *Análise Documental*, via acesso de comentários retirados em uma página do *Instagram* relacionada ao tema, com posterior fase de *Análise de Conteúdo* das mesmas. Pode-se constatar que, as atitudes abusivas dentro do relacionamento são preocupantes, pois muitas vezes são passadas como despercebidas e até naturalizadas pelas próprias mulheres. A violência psicológica ainda é pouco reconhecida por ser uma violência silenciosa, que deixa traumas e marcas na alma. O abuso começa a partir de pequenas atitudes como controle e ciúmes que, conseqüentemente, se transforma em manipulações, ordens, agressões e, mesmo, em feminicídio.

Palavras-Chave: Relacionamento abusivo. Violência contra a mulher. Conseqüências Psicossociais.

ABSTRACT

Abusive relationships has become more and more common, as attitudes are often imperceptible and romanticized, many women suffer from these relationships and it is from this perspective that this research aimed to understand the factors by which these women remain in this toxic union and destructive. The main questions aimed at investigating the psychosocial impacts on women who have suffered or experienced abusive relationships, in addition to defining the types of violence, such as physical violence and psychological violence. This study is of a qualitative nature, a documentary research and later content analysis. Data collection was performed

¹ Graduanda em Psicologia pela Faculdade Ciências da Vida – FCV, Sete Lagoas. E-mail: garciajiovanna@hotmail.com.

² Mestre em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de São João Del Rei fctropiadias@yahoo.com.br.

through comments taken from an *Instagram* page related to the topic. Comments were removed with reports of women who suffered or experienced an abusive relationship, after the analysis obtained through the reports, categories of analysis were established for argumentation through the theoretical framework used in the research. It can be seen that abusive attitudes within the relationship are worrisome, as they are often passed on unnoticed and even naturalized. Psychological violence is still little recognized for being a silent violence that leaves only trauma and marks on the soul. The abuse starts from small attitudes like control and jealousy that consequently turns into manipulations, orders, aggressions and finally feminicide.

Keywords: Abusive relationship. Violence against women. Psychosocial consequences. Maria da Penha Law.

1 INTRODUÇÃO

Relacionamentos abusivos têm sido cada vez mais comuns no cenário atual. Uma relação abusiva é aquela em que há uma necessidade exagerada de controle e poder sobre o outro. No começo do relacionamento normalmente não se nota que existe o abuso, pois ele começa de forma moderada, com pequenos comportamentos grosseiros e desrespeitosos, como ciúme exagerado, controle sobre a parceira e suas relações sociais, intimidação, pressão e insistência para ter relações sexuais, mesmo sem a vontade da mesma. Comportamentos que conseqüentemente se transformam em agressões, tanto físicas quanto psicológicas. Segundo Teles e Melo (2003, p. 15), a violência é quando o indivíduo faz uso da sua força física ou psicológica para que a vítima faça algo que não queira, impedindo-a de expressar os seus desejos e vontades e se submetendo ao outro.

É importante ressaltar que, devido a herança cultural e histórica do machismo, a vítima, na maior parte dos casos, é a mulher. Segundo Schraiber e Oliveira (1999), citado por Pereira, Camargo e Aoyama (2018), as violências físicas e psicológicas estão relacionadas às desigualdades de gênero. Na violência física o abusador utiliza a força para agredir sua parceira com empurrões, chutes, socos, queimaduras, torturas e, por conseguinte assassinato, já na violência psicológica o agressor tem como pretensão menosprezar, chantagear, ofender a vítima com palavras que a desmoralizam, praticando também ameaças contra ela e familiares, principalmente quando as mesmas possuem filhos. Para Miller (1999), citado por Queiroz; Cunha (2018), o abusador obtém um controle sobre a vítima que a faz sentir-se culpada por todas as agressões sofridas, assim ela tenta sempre o agradar mesmo após ser violentada.

Observa-se assim como a violência psicológica é silenciosa e não deixa marcas visíveis no corpo, por isso, dificilmente é percebida por terceiros. Na percepção tanto da sociedade quanto da vítima, esse tipo de violência é considerado natural, principalmente por esse agressor quase sempre ser o companheiro, marido ou namorado da mesma. Ela, a vítima, não reconhece ou até mesmo tem conhecimento sobre, e ignora o fato de que se trata de uma relação violenta e abusiva (Rezende, 2014 citado por Queiroz; Cunha 2018). Comumente essas mulheres se calam diante dessa situação por inúmeros motivos, permanecendo com parceiros que as violentam constantemente.

Geralmente, em alguns períodos do relacionamento abusivo pode haver uma diminuição das agressões, e até mesmo pedidos de desculpas do parceiro, o que faz com que a vítima se torne ainda mais insegura em procurar ajuda, acreditando que não é mais necessário ou com esperança de que haja uma mudança do mesmo. Com isso, se torna mais difícil o saimento desse relacionamento, favorecendo cada vez mais a violência.

Segundo Sá (2011), citado por Souza (2018), as mulheres que vivem em um relacionamento abusivo apresentam problemas em expressar as suas emoções. Esses abusos podem atormentá-las emocionalmente, ocasionando problemas como a baixa autoestima, depressão, medo, ideação suicida, culpa, agressividade, entre outros. São marcas na alma que podem ser levadas durante toda a vida, por isso é imprescindível à assistência psicológica e social dessas vítimas, tanto durante quanto ao fim do relacionamento.

Face ao exposto, a construção desse artigo teve como intuito investigar, através de comentários retirados na página do Instagram, “*foiabusivopq*”, os impactos psicossociais em mulheres que sofreram ou vivenciaram relacionamentos abusivos, além de caracterizar o tipo de violência sofrida, diferenciando as violências físicas das violências psicológicas, por conseguinte, destrinchando as consequências e traumas psicológicos das mulheres que ainda vivem ou já vivenciaram essa situação e as possibilidades de acolhimento e estratégias de enfrentamento via a atuação da psicologia, principalmente se tomada a conjuntura atual de pandemia e reclusão ao ambiente doméstico.

Como considerações gerais, foram criadas as categorias; 01 – Consequências psicossociais em mulheres a partir de experiências em um relacionamento abusivo 02 – Tipificação de comportamentos exigidos e perda da autonomia nos relacionamentos

abusivos; 03 – Naturalização e romantização do abuso nos relacionamentos; 04 – Sororidade e possibilidades de compartilhamento e identificações no espaço virtual. As 4 categorias apresentam comentários retirados das páginas juntamente com embasamento teórico sobre os subtemas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÕES DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER E DOS RELACIONAMENTOS ABUSIVOS

O relacionamento abusivo, mais especificamente, aquele que se dá entre casais, também conhecido como violência conjugal, se caracteriza pelo abuso de poder sobre o outro e o desejo de controlar e dominar o cônjuge. Por outro lado, a vítima toma posse do lugar de objeto, apropriando-se da posição de satisfação dos desejos do outro e renuncia os seus. É comum que se instale de maneira gradual e evolua para uma rotina relacional totalmente destruidora. Entretanto, ela não se baseia em características específicas como a idade, etnia, classe social ou orientação sexual, podendo acontecer com qualquer pessoa (SOUZA, 2018).

De acordo com Silva (2016), a violência contra mulher e os relacionamentos abusivos estão presentes há séculos, pois diferentemente dos tempos atuais, anteriormente não existia nenhuma lei de proteção às mulheres, além disso, os abusos não provinham somente da sociedade, mas também do Estado. No Brasil, por exemplo, só após muita luta a mulher teve direito ao voto, fato que aconteceu apenas em 24 de fevereiro de 1932, através do Decreto nº 21.076 durante o governo de Getúlio Vargas.

Historicamente, o poder sempre foi designado ao homem, que é considerado o provedor da família, concedendo à masculinidade a bravura, a força e, em oposição, a feminilidade os quesitos da ternura, serenidade e o instinto materno. Para Saffioti (2013), o machismo idealiza o homem como dominador da mulher, em que a mesma deve se submeter ao “poder do macho”. A violência contra a mulher acontece assim, pois o homem julga ter direito de fazer tudo aquilo que deseja com a parceira, inclusive agredi-la, se considerar uma punição necessária.

Comumente, é possível presenciar a “romantização” de relacionamentos abusivos, que tem como premissa o controle e o ciúme exacerbado, o que

consequentemente, evolui para agressões psicológicas e físicas. Mineetti, (2005), citado por Maia L. R. (2017), afirma que em muitos programas de televisão que acompanhamos é possível perceber personagens geralmente do sexo masculino controladores, ciumentos, possessivos e denominados como galãs. Isso acaba sustentando a ideia de que o abuso é aliado ao amor.

Portanto, engana-se quem idealiza que o controle e o ciúme são sinônimos do amor, o ciúme exacerbado é um dos pretextos mais usuais para o feminicídio (BANDEIRA, 2013, citado por Maia, L. R. 2017). Hirigoyen (2006) citado por Maia, L. R. (2017) explica que muitas vezes, a violência e os abusos não são reconhecidos pelas vítimas, dessa forma a compreensão de que o amor se transformou em horror é incompreendido.

Nesse cenário surgiu então, a Lei 11.340/2006, conhecida como Lei Maria da Penha, com a finalidade de impedir a agressão contra mulheres no espaço doméstico e familiar. A presente lei descreve cinco tipos de violência praticados contra a mulher: física, psicológica, sexual, moral e patrimonial.

Segundo Teles e Melo (2017), a definição mais comum para violência quer dizer uso da força física, psicológica ou intelectual para forçar uma pessoa a realizar algo que não deseja; é envergonhar e restringir a liberdade, impossibilitando a outra pessoa de expressar sua vontade, sob condição de ser seriamente ameaçada ou agredida. É uma forma de impor seu domínio sob outrem, violando os direitos fundamentais do ser humano.

Dentre as formas de violência presentes e tipificadas contra a mulher, é possível destacar as seguintes:

- A violência física, que se caracteriza pelo uso da força física com intenção de ferir, apresentando ou não marcas visíveis, “entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal” (Lei nº11.340/2006). Esse tipo de violência inclui inúmeras variedades de agressões como puxões de cabelo, beliscões, tapas, socos ou pontapés entre outras ações que podem ir desde a um simples empurrão ao homicídio (MANITA; RIBEIRO; PEIXOTO, 2009 apud NASCIMENTO; SOUZA, 2018; SILVA et al., 2018).
- A violência psicológica, denominada “como qualquer conduta que cause danos emocionais e diminuição da autoestima, ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou, que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões [...]” (BRASIL, 2006). Conforme Hirigoyen

(2006 apud NASCIMENTO; SOUZA, 2018) essa forma de violência se apresenta encoberta por diversas ações que caracterizam micro violências, de difícil identificação, como, por exemplo, o domínio, onde o agressor quer monitorar tudo para determinar o jeito como as coisas devem ser feitas, observando de maneira perversa para controlar e vigiar sua companheira. Durante o isolamento, o homem, gradativamente, distancia a mulher de seus amigos, de seu núcleo familiar, do trabalho, impedindo-a de ter uma vida social. Além do mais, existem situações em que o agressor pode ignorar as demandas afetivas de sua companheira e, até mesmo, não levar em consideração sua condição física ou psicológica.

- A violência sexual, que é compreendida como qualquer prática ou tentativa do ato sexual, investidas ou comentários sexuais indesejáveis contra a sexualidade de outrem; qualquer comportamento que a obrigue a presenciar, a cumprir ou a envolver-se em relação sexual indesejada, perante constrangimento, coação, chantagem, suborno ou manipulação. Considerada como problema de saúde pública e uma violação dos direitos humanos, afeta, em sua maioria, as mulheres. Nesse âmbito, grande parte das agressões é praticada geralmente por homens e, prevalentemente, por um único agressor (DELZIOVO et al., 2017).
- A violência patrimonial, descrita como qualquer ação que represente retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades (Lei 11.340/2006; BITENCOURT, 2018).
- A violência moral, entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria (Lei 11.340/2006).

No momento atual, a violência contra a mulher é classificada como um problema global e que afeta, universalmente, uma a cada três mulheres. A expressão violência contra a mulher caracteriza as diferentes formas de violência, abrangendo também aquele tipo de violência praticada por um companheiro, seja física, sexual ou psicológica, assim como outros tipos de violência (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2013 citado por SOBRINHO et al., 2019; COMISSÃO DE DEFESA DOS DIREITOS DA MULHER, 2019).

O Brasil é um dos países onde mais se matam mulheres, ocupando a 5ª posição no ranking mundial de assassinatos femininos (CAMARGO, 2019). No que diz respeito aos tipos de violência, os dados coletados pelo DataSenado (2017) apresentam que 67% das entrevistadas sofreu algum tipo de violência física, 47% declararam a violência psicológica, enquanto 36% indicou a violência moral e 15% a sexual.

De acordo com a mesma pesquisa, o número de mulheres vítimas que não apresentam denúncia nem procuram por auxílio, permanece alto, correspondendo a cerca de 27% dos casos. Entretanto, de acordo com o DataSenado (2013, p.6) citado por Amaral et al., (2016), “pelo menos 34% das vítimas procuraram alternativas à denúncia formal, como a ajuda de parentes, de amigos e da Igreja”. Além disso, muitos ainda são os casos onde as mulheres não apresentam denúncia de seu agressor, visto que estão vinculadas a ele de forma dependente, seja por questões financeiras, filhos, fatores culturais ou, até mesmo, devido a ameaças (WILHELM; TONET, 2017).

Segundo Xavier e Ferrante (2019), analisando a violência do ponto de vista singular e subjetivo, seria possível entender que o fenômeno da permanência da mulher num relacionamento abusivo é representado particularmente nas mulheres em sua singularidade, observando-se as suas percepções diante do que julgam como violento ou não. Desse ponto de vista, a “violência pode estar naturalizada, internalizada, e até mesmo ser entendida pelas mulheres como uma manifestação de amor” (XAVIER, FERRANTE, 2019).

Atualmente, com o isolamento social devido a pandemia da COVID-19, o aumento da violência doméstica e familiar se tornou preocupante. Durante o isolamento, as mulheres são vigiadas mais facilmente, pois é recomendado que a população fique em casa para que evite o contágio da doença, com isso as vítimas podem ser impedidas de conviver com seus familiares e amigos, em vista dos riscos do contágio da doença.

Alguns sites/portais de notícias, como por exemplo, o *globo.com*, afirmam que um dos “efeitos colaterais” mais agravantes durante a pandemia de covid-19 é a violência contra a mulher. De acordo com os dados trazidos pelo *Monitor da Violência*, os números mostram um aumento significativo de homicídios de mulheres e feminicídios em alguns estados do Brasil durante o primeiro semestre de 2020. Tudo isso pode estar associado ao fato de que, ao longo da pandemia, o tempo de convivência entre os casais ficaram mais extensos e também, alguns serviços sociais

de acolhimento às vítimas foram temporariamente suspensos. Tais discussões deverão ser melhor evidenciadas e sustentadas em pesquisas futuras, no campo das ciências humanas e sociais.

Durante um relacionamento abusivo, o apoio psicológico é de grande importância para o amparo dessas vítimas, o trabalho deve focar primeiramente na conscientização das vítimas a respeito dos abusos fazendo com que as mesmas percebam o quão tóxico é o relacionamento, para que seja possível ter uma nova visão e um direcionamento para ruptura desse ciclo doentio. Consequentemente elaborar intervenções juntamente com as vítimas para que seja recuperada a autonomia, autoestima e amor próprio. (REIS, 2010 citado por de OLIVEIRA BARBOSA, D., & DA FONSECA, G. G. 2019).

3 METODOLOGIA

O presente artigo analisou as consequências psicossociais em mulheres que sofreram ou vivenciaram um relacionamento abusivo. Para tal, a coleta de dados foi feita através de uma *Pesquisa Documental*, via página da rede social *Instagram*, nomeada como “*foiabusivopq*”, onde foram retirados relatos de mulheres em formas de comentários nas publicações. Posteriormente, esses trechos foram categorizados via *Análise de Conteúdo*. O presente trabalho desenvolveu-se a partir de uma pesquisa de natureza qualitativa. Com a pesquisa qualitativa é possível englobar a questão do significado real do objeto de estudo à intenção das mesmas, como pertencente às relações e às estruturas sociais (BARDIN, 1977). Portanto, a pesquisa qualitativa possibilita maior conhecimento do seu objeto de estudo (Minayo, 2007, citado por Cavalcante, R. B., Calixto, P., & Pinheiro, M. M. K. 2014).

O método da *Pesquisa Documental* tem como finalidade, elaborar novas formas de conhecimento aprofundado dos fenômenos e como os mesmos se desenvolvem (R. C. Bogdan e S. K. Biklen, 1994, citado por Kripka, R., Scheller, M., & Bonotto, D. L. 2015). Ela compõe-se por uma extensa quantidade de materiais que ainda não foram analisados, ou que podem ser reanalisados, pois podem ser interpretados de vários ângulos gerando mais informações (E. G. GUBA E Y. S. LINCOLN, 1981, citado por KRIPKA, R., SCHELLER, M., & BONOTTO, D. L. 2015).

Após a coleta dos comentários foram criadas classificações entre os relatos com temas semelhantes para a *Análise de Conteúdo*. A análise de conteúdo é uma

técnica para análise dos dados que ficou conhecida através Laurence Bardin (1977), o mesmo criou a obra *“L’analyse de contenu”*, onde estabelece a técnica como um método empírico. Para Bardin (2007) citado por Cavalcante, R. B., Calixto, P., & Pinheiro, M. M. K. (2014), a Análise de Conteúdo é um tipo de procedimento onde o objeto estudado é apresentado por meio de relatos, textos ou falas. Bardin (1979) afirma que a análise de conteúdo engloba as várias classificações do conteúdo que será analisado, afim de que as análises sejam lógicas e a exploração do material seja completa.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO

Baseado nos relatos obtidos através dos comentários da página no *Instagram*, foi elaborado um agrupamento de acordo com a analogia entre os temas, a partir disso, destacaram-se quatro categorias: 01 – Consequências psicossociais em mulheres a partir de experiências em um relacionamento abusivo 02 – Tipificação de comportamentos exigidos e perda da autonomia nos relacionamentos abusivos; 03 – Naturalização e romantização do abuso nos relacionamentos; 04 – Sororidade e possibilidades de compartilhamento e identificações no espaço virtual.

4.1 CONSEQUÊNCIAS PSICOSSOCIAIS EM MULHERES A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS EM UM RELACIONAMENTO ABUSIVO

A vivência em um relacionamento abusivo pode ocasionar diversas consequências psicológicas. As consequências mais encontradas nas vítimas de relacionamentos abusivos e violência doméstica são: a insônia, pesadelos recorrentes, falta de concentração, irritabilidade, inapetência, depressão, ansiedade, síndrome do pânico, stress pós-traumático, que podem inclusive evoluírem para consequências mais graves como o uso de álcool e substâncias psicoativas e suicídio (KASHANI, 1998 citado por de Oliveira Barbosa, D., & da Fonseca, G. G. (2019).

Podemos analisar através dos comentários abaixo:

Sujeito 1. “Estou passando por isso, parece que vou morrer, sinto que estou morta, só respirando, estou perdendo quem eu mais amo... Praticamente vivo chorando...”

Sujeito 2. "...comecei a ficar depressiva, ter pensamentos suicidas, desenvolvi ansiedade, duvidava da minha capacidade de raciocínio, eu não sabia mais quem eu era nem do que eu gostava, sabia que tinha algo errado, mas não conseguia terminar, fui agredida, me senti pior porque doeu saber que eu não me amava, mas ao mesmo tempo eu pensava que talvez a agressão não fosse agressão e que eu estava exagerando."

Sujeito 3. "...não sinto vontade de mais nada, parece que as coisas e pessoas que eu gostava perderam a graça, já não tenho certeza do que quero. Me sinto sufocada, fraca e incapaz de sair desse ciclo de tristeza e angústia."

Os sintomas psicológicos frequentemente encontrados em mulheres submetidas a abusos no âmbito de um relacionamento íntimo são: sentimentos de humilhação, raiva, vergonha, impotência, culpa e solidão; perda progressiva da autoconfiança; ausência de interesse e motivação para atividades; ansiedade, depressão e agressividade; diminuição da autoestima; disfunções sexuais; dependência, entre outros (RODRIGUEZ; JARABO, 2002 apud SOUZA, 2019).

A partir dos comentários retirados da página é possível perceber como o abuso psicológico afeta diretamente a saúde mental da mulher, interferindo na sua auto percepção, conduzindo à descrença em suas próprias capacidades. São marcas na alma que podem ser levadas durante toda a vida, por isso é imprescindível à assistência psicológica e social dessas vítimas, tanto durante quanto ao fim do relacionamento.

4.2 TIPIFICAÇÃO DE COMPORTAMENTOS EXIGIDOS E PERDA DA AUTONOMIA DA MULHER EM MEIO AOS RELACIONAMENTOS ABUSIVOS

Geralmente, nas relações, o ciúme começa pelas pequenas coisas, como inspecionar as vestimentas, vigiar os relacionamentos sociais, exigir ter conhecimento de onde a pessoa está e com quem está, a partir disso começam as proibições e a vítima se torna subordinada a informar sobre cada passo que dá.

Sujeito 4. "Já ouvi: seus amigos são mais importantes do que eu, suas amigas são mais importantes que eu, seu curso é mais importante que eu, seus primos são mais importantes que eu..."

Sujeito 5. "Sim, eu não posso nada, porque o que eu quero fazer é mais importante que ele. Ficou bravo porque eu ia para academia cedo e deixava ele dormindo sozinho... Não posso ir à casa dos meus pais porque são mais importantes do que ficar com ele."

Sujeito 6. "...gosto mais dos gatos do que dele, só porque coloco ração de manhã e falo com carinho com eles."

Sujeito 7. “... fui proibida de fazer inúmeras coisas, não podia cortar o cabelo, não podia ter amigos, não podia sair para ir sequer ao mercado sem antes mandar mensagem avisando...”

Sujeito 8. “Meu ex tinha insônia e queria que eu passasse a noite acordada com ele, quando eu dormia ele fazia eu me sentir a pessoa mais culpada do mundo por isso, as vezes eu apagava de exaustão...”

Sujeito 8. “...ele queria que eu passasse o dia todo com ele no telefone ou na casa dele, me levava e buscava na escola, enquanto eu estava na aula pedia meu celular emprestado.”

O ciúme exacerbado e o controle são um dos principais causadores de violência contra a mulher, 50% das mulheres que sofrem ou já sofreram agressão pelos seus parceiros indicam o mesmo como desencadeador das situações de violência (DEEKE et al., 2009 citado por XAVIER, Angélica Nepomoceno; DE FERRANTE, Fernanda Garbelini, 2019).

Ao longo dos comentários coletados é possível observar a grande perda de autonomia a que essas mulheres se submetem no relacionamento abusivo, usando como exemplo o sujeito 7, que menciona ter sido proibida de cortar seu próprio cabelo, na maioria dos comentários são visíveis as cobranças constantes e o controle excessivo.

4.3 NATURALIZAÇÃO E ROMANTIZAÇÃO CULTURAL DO ABUSO NOS RELACIONAMENTOS

Hirigoyen, 2006, citado por Maia L. R., 2017, afirma que a maioria das mulheres tem conhecimento de que a violência não é aceitável, mas, as mesmas costumam acreditar que estão exagerando ou que talvez possam ter entendido errado sobre os abusos que acontecem. Isso ocorre principalmente devido à cultura do machismo na qual vivemos, onde as próprias vítimas ainda têm o pensamento de que os homens são superiores a elas e que as agredir tanto fisicamente quanto psicologicamente, faz parte do relacionamento, naturalizando assim uma atitude tóxica.

Sujeito 9. “E só de pensar que minha mãe vive em um relacionamento abusivo, mas não percebe, me causa tanta dor. Ela já foi agredida fisicamente e com palavras, impedida de trabalhar, mas vive pisando em ovos para não estressar ele...”

Sujeito 10. “Pior a vítima muitas vezes não tem culpa. É uma maldição de gerações que fazem ela se submeter a isso, a querer isso. Buscar isso e se contentar com esse papel, que na verdade é um relacionamento/casamento falido, tóxico e disfuncional.”

Sujeito 11. “Eu quando fui proibida de trabalhar porque ele disse “filho meu não vai para creche”, achei machista, mas depois fui convencida de que era apenas cuidado comigo para que eu não ficasse tão cansada e cuidado com nossa filha que estava por vir. Eu acreditei.”

Se analisarmos o comentário do sujeito 11, é possível perceber que a vítima foi proibida de exercer seu trabalho, onde abusador usa como desculpa que o filho não ficará em uma creche, com isso a vítima passa a acreditar que a atitude é apenas um cuidado que o abusador tem para com ela, mas essa atitude não passa de uma romantização de um abuso.

4.4 SORORIDADE E POSSIBILIDADES DE COMPARTILHAMENTO E IDENTIFICAÇÕES NO ESPAÇO VIRTUAL

Atualmente, vivemos em um mundo tecnológico onde a internet é explorada de diversas formas, tanto para fins úteis e facilitadores, quanto para fins prejudiciais. As redes sociais estão em alta e a partir delas é possível que as pessoas se expressem e, até mesmo, usem-nas para contribuir, protestar e apoiar o outro. Os comentários aqui mencionados, as mulheres trocam seus relatos e vivências, a página é um lugar onde as mesmas se sentem à vontade em relatar os abusos que sofreram, e se atêm em apoiar umas às outras para que juntas consigam se libertar da dependência na qual vivem durante um relacionamento abusivo.

Sujeito 13. “Fiz inscrição e quero muito poder ajudar.”

Sujeito 14. “Eu amo essa página! Todos os dias tenho aprendido com vocês.”

Sujeito 15. “Muito forte e necessário. Estou passando por essa desconstrução de pensamentos e tendo essa mesma visão sua.”

Sujeito 15. “...E você é uma das pessoas que está me ajudando abrir minha mente, muito obrigada.”

Sujeito 16. “Quero contribuir, sou assistente social, tenho experiência na área de violência contra mulher.”

Segundo Noelle-Nuemann, (2005), citado por Santini, R. M., Terra, C., & de Almeida, A. R. D, (2016), indicam que, a partir do momento em que o sujeito acredita que no ambiente virtual encontrou parceiros nas quais compartilham das mesmas vivências e experiências, são capazes de resistir às situações e até mesmo criarem coragem para pedirem ajuda e não mais manter os abusos em segredo. A página

além de ser uma forma de apoio, presta serviço voluntário, pois em algumas publicações é possível perceber tais campanhas para que estudantes e profissionais da área da psicologia, assistência social e outras áreas sejam voluntários acolhendo e ouvindo a demanda das vítimas. Como é possível perceber através do comentário do sujeito 13, que diz ter feito inscrição e que quer muito poder ajudar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi investigar os impactos psicossociais de mulheres que sofreram ou vivenciaram relacionamentos abusivos, assim como apresentar as características dos diversos tipos de violência e as consequências psicossociais ocasionadas através da situação vivida. Este estudo considera que o relacionamento abusivo é um tema de grande importância e esta pesquisa vem contribuir para um maior entendimento a respeito do assunto que ainda assim precisa ser mais explicitado no mundo atual. Principalmente pela razão de que somente a violência física é considerada relevante, porém como foi apresentado na pesquisa há vários outros tipos de violência que também acarretam diversos prejuízos, que podem ser até mais desfavoráveis às vítimas.

É importante mencionar que, a partir da pesquisa foi possível perceber que devido a cultura do machismo na qual vivemos muitas mulheres que vivem em um relacionamento abusivo se silenciam, pois ainda nos tempos atuais consideram que o parceiro tem sim poder e autoridade sobre as mesmas, conseqüentemente o abuso e a violência são naturalizados e até mesmo romantizados, a vítima passa a acreditar que é merecedora de tudo aquilo que sofre ou até mesmo que está equivocada em relação aos fatos.

Conforme os resultados encontrados, essa pesquisa pode contribuir para elaboração de pesquisas futuras, principalmente com a finalidade de oferecer perceptibilidade, acolhimento, assistência psicológica e social, para que as vítimas tenham possibilidades de enfrentamento e superação. Durante o enredo do trabalho vimos que a internet hoje, proporciona também acolhimento às vítimas naquele ambiente virtual, onde através de páginas como, por exemplo, a que foi utilizada na coleta de dados no estudo, há relatos e depoimentos com situações em comum entre as vítimas que propiciam a identificação e sororidade nesse espaço.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, L B M et al. **Violência doméstica e a Lei Maria da Penha**: perfil das agressões sofridas por mulheres abrigadas em unidade social de proteção. *Revista Estudos Feministas*, v. 24, n. 2, p. 521-540, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/1805-9584-2016v24n2p521>.

ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. O voto de saias: a Constituinte de 1934 e a participação das mulheres na política. *Estudos avançados*, v. 17, n. 49, p. 133-150, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142003000300009>.

BITENCOURT, F C. **Características e dimensões da personalidade comumente encontradas em mulheres vítimas de violência doméstica e familiar**. 2018. Disponível em: <https://assets.ipog.edu.br/>.

BRASIL. Lei nº 11.340, de 07 de agosto de 2006. **Lei Maria da Penha**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, 2006.

CAMARGO, J V E S. **Feminicídio**: a Agressividade Contra Mulher no Brasil. In: Congresso Nacional de Direito Empresarial da Toledo Prudente. 2019. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/feminicidio/capitulos/o-que-e-feminicidio/>.

CAVALCANTE, Ricardo Bezerra; CALIXTO, Pedro; PINHEIRO, Marta Macedo Kerr. Análise de conteúdo: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método. *Informação & Sociedade: Estudos*, v. 24, n. 1, p. 13-18, 2014. Disponível em: <https://www.researchgate.net/>.

COMISSÃO DE DEFESA DOS DIREITOS DA MULHER. **Mapa da Violência Contra a Mulher** 2018. [S. l.], 2019. Disponível em: <http://cnti.org.br/html/Smulher/2019/mapaviolencia2019.pdf>. Acesso em: 18 maio 2020.

DATASENADO. **Violência doméstica e familiar contra a mulher**. Secretaria de transparência. Brasília: Senado Federal, 2017.

DE OLIVEIRA BARBOSA, Deivid; DA FONSECA, Gema Galgani. Violência Doméstica e as Consequências Psicológicas sobre as Vítimas. *Revista Saúde e Educação*, v. 4, n. 1, p. 140-173, 2019.

DE QUEIROZ, Rosana Ataíde; CUNHA, Tania Andrade Rocha. **A violência psicológica sofrida pelas mulheres**: invisibilidade e memória. *Revista Nupem*, v. 10, n. 20, p. 86-95, 2018. <https://doi.org/10.33871/nupem.v10i20.310>.

DE SOUZA PEREIRA, Daniely Cristina; CAMARGO, Vanessa Silva; AOYAMA, Patricia Cristina Novaki. Análise funcional da permanência das mulheres nos relacionamentos abusivos: Um estudo prático. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, v. 20, n. 2, p. 10-25, 2018. DOI: <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v20i2.1026>.

DELZIOVO, C R et al. Características dos casos de violência sexual contra mulheres adolescentes e adultas notificados pelos serviços públicos de saúde em Santa Catarina, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 33, p. e00002716, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00002716>.

KRIPKA, Rosana; SCHELLER, Morgana; BONOTTO, Danusa Lara. Pesquisa documental: considerações sobre conceitos e características na pesquisa qualitativa. **CIAIQ2015**, v. 2, 2015. Disponível em: <https://proceedings.ciaiq.org/>.

MAIA, Laura Rodrigues. A cultura do machismo e sua influência na manutenção dos relacionamentos abusivos. **Psicologia-Tubarão**, 2017. Disponível em: <http://www.riuni.unisul.br/handle/12345/3896>.

MORAES, Maria do Socorro Barros et al. Violência por parceiro íntimo: características dos envolvidos e da agressão. **PSI UNISC**, v. 2, n. 2, p. 78-96, 2018. DOI: 10.17058/psiunisc.v2i2.11901.

SANTINI, Rose Marie; TERRA, Camyla; DE ALMEIDA, Alda Rosana Duarte. **Feminismo 2.0**: a mobilização das mulheres no Brasil contra o assédio sexual através das mídias sociais (# primeiroassedio). **P2P e Inovação**, v. 3, n. 1, p. 148-164, 2016. DOI: <https://doi.org/10.21721/p2p.2016v3n1.p148-164>.

SILVA, Andressa Hennig et al. Análise de conteúdo: fazemos o que dizemos? Um levantamento de estudos que dizem adotar a técnica. **Conhecimento Interativo**, v. 11, n. 1, p. 168-184, 2017.

SILVA, Camila Daiane et al. Conteúdos representacionais da violência doméstica contra a mulher entre discentes de enfermagem. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 18, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/>.

SOBRINHO, N C et al. **Violência contra a mulher**: a percepção dos graduandos de enfermagem. *Journal of Nursing and Health*, v. 9, n. 1, 2019. DOI: <HTTP://DX.DOI.ORG/10.15210/JONAH.V9I1.13222>.

SOUZA, A S. Relacionamentos Abusivos: Consequências Psicológicas em Mulheres que o Vivenciam. **Anais Eletrônico CIC**, v. 17, n. 17, 2019. Disponível em: <http://fasb.edu.br/>.

SOUZA, D C et al. **Relacionamentos abusivos: significados atribuídos por um grupo de jovens acadêmicos da UFAM**. 2018. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/6809>.

TELES M A A; MELO, M. **O que é violência contra a mulher**. Brasiliense, 2017.

WILHELM, F A; TONET, J. Percepção sobre a violência doméstica na perspectiva de mulheres vitimadas. **Psicologia Argumento**, v. 25, n. 51, p. 401-412, 2017.

XAVIER, A N; FERRANTE, F G. A mulher da violência: por que elas permanecem nessa relação?. **Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental**, v. 8, n. 2, p. 55-72, 2019 <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2020/09/16/os-efeitos-colaterais-da-pandemia-sobre-a-vida-das-mulheres.ghtml>